

O TELEHEALTH COMO ALTERNATIVA VÁLIDA AO ATENDIMENTO PRESENCIAL NA INTERVENÇÃO EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA) EM CRIANÇAS COM O DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Lucas Stênio Borges¹, Victor Franzoni Patez¹, Vívian Moreira Vargas¹, Daniela Dadalto Ambrozine Missawa²

1 – Acadêmicos do curso de Psicologia – Centro Universitário Multivix Vitória

2 – Professor do curso de Psicologia – Centro Universitário Multivix Vitória

RESUMO

O telehealth é uma modalidade de atendimento ou terapias realizadas por via remota, e ficou em evidência mais recentemente por conta da pandemia de COVID-19, frente às medidas de restrição e isolamento com intuito de diminuir a contaminação pelo coronavírus. Por isso muitos serviços foram suspensos, como o atendimento psicoeducativo presencial para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), então viu-se a utilidade e necessidade do uso do telehealth nas intervenções em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para crianças com TEA. Portanto, a proposta deste trabalho foi apresentar o telehealth como alternativa válida ao atendimento presencial na intervenção em ABA. Os critérios de inclusão dos resultados encontrados foram pesquisas realizadas nos últimos 7 anos nas línguas portuguesa e inglesa, o critério de exclusão foi artigos dentro da temática do telehealth que não estão relacionados à ABA e ao TEA. Os resultados da revisão foram analisados de forma qualitativa e foram divididos em três tópicos principais com o objetivo de facilitar a compreensão acerca das discussões: *O que é o atendimento em telehealth; Transição/implementação do telehealth; Comportamentos problema no telehealth*. Apesar de uma quantidade reduzida de artigos em língua portuguesa e da falta de estudos demográficos recentes sobre a população com TEA no Brasil, essa revisão demonstrou que o telehealth é uma alternativa válida ao atendimento presencial para a intervenção em ABA.

Palavras-chave: telehealth; análise do comportamento aplicada, transtorno do espectro autista; teleatendimento. Telessaúde

ABSTRACT

Telehealth is a modality of care or therapy carried out remotely, and it has become evident more recently due to the COVID-19 pandemic, in the face of restriction and isolation measures in order to reduce contamination by the coronavirus. For this reason, many services were suspended, such as face-to-face psychoeducational care for children with Autistic Spectrum Disorder (ASD), so the usefulness and need for the use of telehealth in Applied Behavior Analysis (ABA) interventions for children with ASD was seen. Therefore, the purpose of this work was to present telehealth as a valid alternative to face-to-face assistance in ABA interventions. The inclusion criteria of the results found were surveys carried out in the last 7 years in Portuguese and English, the exclusion criterion was articles within the telehealth theme that are not related to ABA and TEA. The review results were analyzed qualitatively and were divided into three main topics with the aim of facilitating the understanding of the discussions: What is telehealth care; Telehealth transition/implementation; Problem behaviors in telehealth. Despite the reduced number of articles in Portuguese and the lack of recent demographic studies on the population with ASD in Brazil, this review demonstrated that telehealth is a valid alternative to face-to-face care for ABA intervention.

Keywords: telehealth; applied behavior analysis, autism spectrum disorder; call center. Telehealth

1. INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é definido, pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V (APA, 2014), como um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, são condições ou sinais que aparecem no indivíduo no período de desenvolvimento fisiológico, podendo levar a prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico e profissional. O TEA, que compõe essa categoria, é definido pelo DSM-V da seguinte forma:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos

déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014, p. 31).

O DSM-V (APA, 2014) traz a prevalência de casos de TEA, sendo de 1% na população dos Estados Unidos e outros países. Contudo, esse é um dado datado, visto que o manual foi publicado em 2013. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, publicou, em dezembro de 2021, um relatório, com dados de 2018, indicando que 1 a cada 44 crianças de 8 anos é diagnosticada com TEA, nos Estados Unidos (MAENNER et al., 2018). Um estudo mais recente, de julho de 2022, publicado na JAMA Pediatrics, com dados de 2019 e 2020, indica que 1 a cada 30 crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos é diagnosticada com TEA, nos Estados Unidos (LI et al, 2022).

Não há estudos recentes (dos últimos 10 anos) que informem a prevalência de TEA no Brasil (JÚNIOR, 2019). O Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), será o primeiro censo a quantificar as pessoas com Transtorno do Espectro Autista, resultado da lei 13.861, sancionada em julho de 2019, que obriga a inclusão da pergunta no censo (BRASIL, 2019).

Com todos esses dados, percebe-se que há um aumento substancial do número de pessoas diagnosticadas com TEA, de acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), há muitas explicações possíveis para esse aumento, como, aumento da conscientização sobre o tema, a expansão dos critérios diagnósticos, melhores ferramentas de diagnóstico e o aprimoramento das informações reportadas (OPAS, 2020).

A importância do diagnóstico, principalmente o diagnóstico precoce, se dá porque com a identificação do transtorno, a família tende a buscar e coletar mais informações sobre como agir e qual tratamento mais adequado. Assim, quanto mais cedo a intervenção se inicia, maiores são as chances de se compensar as possíveis dificuldades que a pessoa apresenta ou poderia apresentar caso não houvesse o tratamento.

De acordo com a OPAS, a conduta clínica para o tratamento de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista se dá através das intervenções

psicossociais baseadas em evidências, sendo essas diversas intervenções, uma vez que as necessidades de cuidado de saúde de pessoas com TEA podem variar de um indivíduo para outro, podem ser necessidades complexas e por isso exigirem a integração de vários serviços de promoção de saúde e cuidados (OPAS, 2020).

Portanto, o tratamento do TEA se dá através de uma equipe multidisciplinar, composta por psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, psicopedagogos, médicos e outros profissionais que atendam à demanda do paciente (ACADEMIA DO AUTISMO, 2022).

No campo da Psicologia, a intervenção mais indicada para o tratamento do TEA é a intervenção em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que é baseada em evidências científicas. Esse método de intervenção tem como principal referência teórica o Behaviorismo Radical e pode ser explicada como um modo de, a partir dos princípios do condicionamento operante criados por B. F. Skinner, avaliar, modificar e explicar comportamentos (CAMARGO, 2013).

Uma intervenção baseada em ABA tem como etapas, primeiramente, a identificação a partir de uma avaliação dos comportamentos problemas e habilidades adaptativas sociais que necessitam de suporte. Feito isso, é desenvolvido o delineamento de programas de intervenção com o objetivo de modificar e aperfeiçoar tais comportamentos e habilidades, como também ajudar o paciente a desenvolver comportamentos de autocuidado e a lidar com mais flexibilidade às mudanças em seu ambiente e rotina, além de outros repertórios que possibilitem a independência e qualidade de vida do paciente (DA SILVA BARCELOS, 2020). É feita uma coleta de dados durante todo o processo de avaliação e intervenção para acompanhar o desempenho e facilitar a análise dos próximos passos a serem tomados em relação a evolução dos programas de intervenção (DA SILVA BARCELOS, 2020).

Dito isso, a intervenção em ABA tem se mostrado uma das terapias mais eficientes no controle dos prejuízos em âmbitos sociais, comunicativos e comportamentais da pessoa diagnosticada com TEA (CAMARGO, 2013).

No ano de 2020, foi decretada a pandemia de COVID-19, e no Brasil para conter o avanço do vírus, várias medidas de cuidados pessoais e restrições foram estabelecidas pelo governo do país, como lavar as mãos com álcool e sabão com maior frequência, o uso de máscaras ao sair de casa, desinfetar

ambientes e principalmente o isolamento e distanciamento social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Assim, este distanciamento deu-se em vários estados do Brasil. Medidas emergenciais de saúde pública foram tomadas e atividades comerciais consideradas não essenciais foram fechadas (MARTINS, GUIMARAES, 2022).

Este ambiente social de distanciamento e pouca relação interpessoal causou impactos em toda a população, especialmente indivíduos que apresentam algum prejuízo na comunicação social, como indivíduos diagnosticados com TEA.

Mediante a promulgação da lei 13.979 de 2020, estabeleceu-se quais serviços da sociedade eram essenciais, dentre os quais se encontram os serviços ofertados pela Psicologia.

Todavia, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), no dia 23 de março de 2020, divulgou um comunicado orientando a suspensão imediata dos serviços presenciais de psicologia que não fossem considerados emergenciais. Os serviços em ABA, na sua maioria, são ofertados por profissionais da Psicologia, portanto, esses seguiram as orientações do conselho. Contudo, a demanda dos usuários da intervenção em ABA ainda existia, exigindo que uma outra estratégia de atendimento fosse implementada.

Em 2020, o Council of Autism Service Providers (CASP) orientou modelos de serviço de teleatendimento, visto o aumento na procura causado pela escassez de atendimento presencial à medida que a pandemia da COVID-19 tomou proporções maiores. Além disso, o Behavior Analyst Certification Board (BACB), também em 2020, apresentou guias e orientações éticas quanto a entrega do serviço, além de webnários para demonstrar como se deve proceder a transição de atendimento presencial para o teleatendimento (DIXON, YI, 2021).

Considerando tais aspectos, esta pesquisa teve como objetivo apresentar o telehealth como alternativa válida ao atendimento presencial na intervenção em ABA, através da atualização e disponibilização das formas de implementação disponíveis na literatura e conceitualização do que é o atendimento telehealth, a fim de divulgar e introduzir mais a temática nos estudos em língua portuguesa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) se estabelece no campo

prático, isto é, na intervenção psicológica. Sendo assim, ela se sustenta na Análise do Comportamento, ou Behaviorismo. Sua base filosófica está fundamentada em vários princípios e pressupostos estabelecidos por B. F. Skinner (RIBEIRO, SELLA, 2018). Segundo Watson (1913), a psicologia precisa buscar a objetividade e desenvolver formas de prever o comportamento humano.

Dessa forma, é possível desenvolver uma tríade de conhecimento: Behaviorismo Radical, Análise Experimental do Comportamento e Análise do Comportamento Aplicada. Assim, essas formas de saber abordam, respectivamente: produções reflexivas ou metacientíficas, investigação básica de processos comportamentais e intervenções voltadas para a solução de problemas humanos (TOURINHO, SÉRIO, 2010).

2.1 BEHAVIORISMO RADICAL

Todas as ciências partem de pressupostos filosóficos, seja na biologia, astronomia ou física. Assim também ocorre na Análise do comportamento. O Behaviorismo surge, então, a partir da ideia de que é possível uma ciência do comportamento. Em 1913 é publicado por Watson o artigo que deu o estopim da ideia principal: "*Psychology as the behaviorist views it*". Este artigo foi considerado um manifesto. Nele, o autor critica as práticas de introspecção utilizadas na época, ele as rejeitava pois dependiam muito do indivíduo e não podiam ser reproduzidas. Essa ciência não deveria ser construída com base nas ideias de consciência e mente, mas sim uma ciência geral do comportamento onde abrange todos os animais e os humanos são mais uma espécie dentro destes (BAUM, 2006).

Assim, o Behaviorismo toma forma de ciência do comportamento, onde é possível prever comportamentos tendo as variáveis, dados e meios disponíveis. Dessa forma, o Determinismo se aplica como base filosófica, já que o comportamento pode ser determinado pela filogênese e ambiente. Além do Determinismo, o Pragmatismo entra em conjunto, pois as condições científicas e tecnológicas não permitem qualquer tipo de aferição e coleta de dados sobre a mente humana. O que se pode observar e analisar de forma objetiva é apenas o comportamento humano (BAUM, 2006).

2.2 ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

Aqui, trata-se de onde ocorrem os experimentos e validações científicas em uma ciência do comportamento. Os autores que ajudaram a consolidar essa

ciência vão de Thorndike a Darwin, mas o principal expoente considerado pela grande maioria é B. F. Skinner, com sua obra "*The Behavior of Organisms: an experimental analysis*". Sendo uma análise experimental, quer dizer que se trata de um conhecimento empírico, aquele que ocorre após a experiência. Dessa forma, o analista buscar identificar os antecedentes e as consequências de um comportamento. Esse tipo de comportamento foi denominado por Skinner de comportamento operante, isto é, aquele que age sobre o ambiente. O comportamento, portanto, é o objeto principal de estudo, classificado como a interação entre o organismo e o seu mundo (NETO, 2002).

Na ABA, está o campo de atuação dos analistas com comportamento, seja no consultório, escola ou clínicas. É neste escopo onde se encontra a intervenção ABA.

“...essa subárea teria pelo menos duas funções vitais: (1) manter o contato com o mundo real e alimentar os pesquisadores na área com problemas comportamentais do mundo natural e (2) mostrar a relevância social de tais pesquisas e justificar sua manutenção e ampliação da área como um todo.” (NETO, 2002 p. 5)

Conforme discutido por Baer et al. (1968), a pesquisa da ABA necessita de 7 critérios para ser considerada com tal. São eles: aplicada, comportamental, analítica, tecnológica, conceitual, eficaz e generalizável. Ser aplicada quer dizer que essa pesquisa necessita de uma perspectiva pragmática, ela precisa trazer algo de relevante para a sociedade ao invés de apenas para a teoria.

Comportamental diz respeito a mensuração de comportamentos-alvo e a análise destes que o compõem. Analítica refere-se à habilidade de controlar a mudança de um comportamento a partir de estímulos manipulados. Para ser tecnológica ela deve descrever de forma clara os recursos utilizados para que seja possível a replicação destes mesmos resultados. Já para ser conceitual ela precisa estar de acordo com os princípios da análise do comportamento, demonstrar como chegou a essa conclusão a partir de princípios fundamentais. A pesquisa para ser eficaz anda lado a lado com o pragmatismo, aquele que participa precisa ser assegurado de uma mudança comportamental relevante. Por fim, para ser generalizável é necessário que os estímulos da mudança

comportamental obtida sejam evocados em outros ambientes cujos antecedentes possuem características semelhantes (MALAVAZZI et al., 2011).

3. METODOLOGIA E MÉTODO DA PESQUISA

Este trabalho de conclusão de curso trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em que foi realizada uma revisão da literatura encontrada na base de dados do Google Acadêmico. A abordagem dos pesquisadores frente aos dados coletados foi a abordagem qualitativa, uma vez que a proposta deste trabalho é realizar uma revisão narrativa sobre a intervenção em ABA para pessoas com TEA através do teleatendimento (telehealth), a busca desses dados, portanto, não trazem resultados quantitativos ou que produzam resultados através de procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação (GIL, 2021).

Os descritores determinados para a escolha dos artigos na base de dados citada foram: *telehealth*; *teleatendimento*; *telessaúde*; *ABA*; *TEA*. A busca na ferramenta de pesquisa foi: *telehealth* OR *teleatendimento* OR *telessaúde* AND *aba* AND *tea*.

Os critérios de inclusão dos resultados encontrados foram os seguintes:

- Pesquisas realizadas nos últimos 7 anos
- Pesquisas nas línguas portuguesa e inglesa

Os critérios de exclusão foram:

- Artigos dentro da temática do telehealth que não estão relacionados à ABA e ao TEA.

A seguir, foram organizados na Tabela 1 todos os artigos encontrados com a utilização dos descritores especificados e seguindo os critérios de inclusão e exclusão:

Tabela 1 – Artigos selecionados para a revisão

Nome do artigo	Autores	Ano	Palavras-chave
----------------	---------	-----	----------------

Ensino de Pais via Telessaúde para a Implementação de Procedimentos Baseados em ABA: Uma Revisão de Literatura e Recomendações em Tempos de COVID-19	Anne Caroline Da Costa Carneiro, Isabella Marino Brassolatti, Luyse França Silva Nunes Fernanda Câmara Alves Damasceno, Mariéle Diniz Cortez	2020	telessaúde; ensino de pais; ABA; revisão de literatura; autismo.
Telehealth and Autism: Treating Challenging Behavior at Lower Cost	Scott Lindgren, David Wacker, Alyssa Suess, Kelly Schieltz, Kelly Pelzel, Todd Kopelman, John Lee, Patrick Romani, Debra Waldron	2016	Não especificadas
Novos Arranjos Em Tempos De Covid-19: Apoio Remoto Para Atendimento De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista	Natalie Brito Araripe, Aída Brito, Danilo Carvalho De Sá, Giovanna Fonseca Stefani Ruguê, Heloísa Bueno Machado, Jennifer Alvares Trindade Bauer, José Umbelino Gonçalves Neto, Kelvis Rodrigo Sampaio Da Cruz, Lucelmo Lacerda	2020	pandemia, Transtorno do Espectro Autista, orientação de pais, rotina visual, telemedicina
Maintaining Treatment Integrity in the Face of Crisis: A Treatment Selection Model for Transitioning Direct ABA Services to Telehealth	Kristine A. Rodriguez	2020	COVID-19, social distancing, telehealth, treatment integrity
Comparison of the Efficacy of Online Versus In-Vivo	Abigail L. Blackman, Corina Jimenez-Gomez, Samuel	2020	parent training, online training, ABA, telehealth, autism

Behavior Analytic Shvarts Training for Parents of Children with Autism Spectrum Disorder				
Evaluation of Behavioral Skills Training to Teach Parents Implementing the PEAK Direct Training Module Via Telehealth	Peiling Chu	2021		Não especificadas

Fonte: produzido pelos autores

Dentre os 6 artigos encontrados, o artigo *“Evaluation of Behavioral Skills Training to Teach Parents Implementing the PEAK Direct Training Module Via Telehealth”* não foi utilizado pois o documento encontrado é uma prévia de tese de dissertação e não o documento completo, e por isso, não seria possível sua revisão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de expor da melhor maneira os conteúdos dos artigos encontrados, essa etapa foi dividida em três tópicos principais: *O que é o atendimento em telehealth; Transição/implementação do telehealth; Comportamentos problema no telehealth.*

4.1. O que é o atendimento em telehealth

O telehealth é o nome da modalidade de atendimento ou terapias realizadas por via remota, na língua portuguesa o telehealth é conhecido como como teleatendimento, telemedicina ou telessaúde.

Em sua pesquisa sobre o barateamento desse tratamento, Lindgren et al. (2016) apresenta dois modelos de telehealth: (1) *clinic telehealth* e (2) *in-home telehealth*. No primeiro, os cuidadores recebem treinamento em um centro presencial para implementar o plano de ensino com o paciente em casa, já no segundo os cuidadores recebem o treinamento via telehealth em sua própria casa.

Por conta da pandemia de COVID-19, frente às medidas de restrição e isolamento com intuito de diminuir a contaminação pelo coronavírus, muitos

serviços foram suspensos, como o atendimento psicoeducativo presencial para crianças com TEA, encontrou-se no telehealth uma forma de dar continuidade às terapias para as pessoas que necessitavam dessa continuidade.

Vale ressaltar que o telehealth já era um tema de estudo anterior à pandemia de COVID-19, e diversos estudos, que datam desde 2013 até 2020, demonstraram ser possível o tratamento ou acompanhamento para pessoas com TEA através do telehealth.

4.2. Transição/Implementação do telehealth

Ao se falar sobre a transição ou implementação direta da intervenção pelo telehealth, é preciso levar em conta os déficits característicos do TEA, assim como o uso de práticas e ferramentas baseadas em evidência. Tendo isso como base, os parágrafos seguintes usarão discorrerão de forma resumida as propostas trazidas pelo artigo “*Novos Arranjos em Tempos de Covid-19: Apoio Remoto para Atendimento de Crianças com Transtorno do Espectro Autista*”, Araripe et al. (2020). Esse artigo traz para os profissionais um modelo de como estruturar o atendimento pelo telehealth, através de três tópicos fundamentais, que são, a organização da rotina visual, o manejo dos arranjos ambientais pelos cuidadores e o acompanhamento remoto desses cuidadores pelo profissional responsável (ARARIPE, 2020).

A organização da rotina da criança de forma visual é uma prática muito importante para intervir nos padrões rígidos e repetitivos de comportamento característicos do TEA, que se observa através de adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados, fazendo com que pequenas mudanças levem a um sofrimento extremo (APA, 2014).

A rotina visual é uma prática baseada em evidência (NATIONAL AUTISM CENTER, 2015) que tem como objetivo dar previsibilidade para o indivíduo com TEA, promovendo controle sobre a ansiedade que ele possa ter em relação às diversas atividades e afazeres do dia a dia. Dessa forma, na rotina visual, são elencadas as atividades do dia, da semana ou até do mês, todas através de figuras ou fotografias. As rotinas visuais são úteis para qualquer faixa etária, portanto, podem ser utilizadas figuras ou dicas visuais escritas, a depender do repertório acadêmico do aprendiz.

A rotina visual também tem como uma de suas finalidades aumentar o

envolvimento do aprendiz na tarefa destacada, e isso pode ser feito desde o momento de criação da rotina. É possível organizar a rotina junto com a criança, é um momento que comportamentos como verbalização, tomadas de decisão e escolhas podem ser estimulados e reforçados, proporcionando estímulos de aprendizado, bem como promovendo autonomia para a criança (ARARIPE, 2020).

Sobre manejar os arranjos ambientais, a proposta principal é que os cuidadores organizem o ambiente em que a criança for realizar as atividades de intervenção, na ideia de que o ambiente facilite o aprendizado, e não o dificulte. Portanto, o objetivo é modificar o ambiente de forma da melhor forma possível de forma que as condições ambientais aumentem a probabilidade de generalização de habilidades já aprendidas em ambientes estruturados de terapia. Contudo, se tratando do telehealth, o ambiente não é tão estruturado como em uma intervenção em clínica, logo, os cuidadores precisam manejar o ambiente em que se encontram utilizando as situações e ferramentas naturais e cotidianas que a casa oferece. Uma forma de atenuar essa diferença entre casa e clínica, é a organização da casa em microambientes, em que um cômodo específico será para atividades da terapia e da escola, outro para descanso e outro para brincar etc., isso também funciona como um sinalizador extra da rotina, visto que as atividades específicas passam a ser condicionadas ambientes específicos (ARARIPE, 2020).

Por essas especificidades é que o psicólogo responsável deve levar em conta as reais condições que os cuidadores possuem, as atividades que são consideradas prioridades e as preferências da criança. É possível que o psicólogo realize encontros on-line com os cuidadores para auxiliarem na organização do ambiente, dando modelo de como fazer para que então os próprios cuidadores possam realizar isso de forma independente depois (ARARIPE, 2020).

Para que todas essas orientações sejam eficientes, Araripe et al. (2020) traz como orientação final do artigo o acompanhamento e monitoramento remoto dos cuidadores, feito pelo profissional responsável pelo telehealth. Para isso, existem diferentes modalidades de acompanhamento on-line, ele pode ser realizado de forma síncrona, através uma chamada de vídeo entre cuidadores e o profissional, ou pode ser feito de forma assíncrona, com o feedback do

profissional através de filmagens produzidas pelos cuidadores. Para o acompanhamento assíncrono, há uma lista de critérios que os cuidadores precisam estar atentos:

- Planejamento da rotina do cuidador e da criança
- Uso da rotina visual
- Organização do ambiente e dos reforçadores adequados
- Estabelecimento das habilidades que serão trabalhadas no dia
- Efetuação dos registros para acompanhamento e discussão

Tudo proposto e colocado em responsabilidade dos cuidadores tem base científica, a qual sustenta que:

O compartilhamento de técnicas comportamentais deve ser entendido como procedimentais possíveis para o treinamento de pais, já que os mesmos possuem responsabilidades morais, éticas e legais, bem como o maior grau de contato e controle do ambiente dos seus filhos. (ARARIPE et al, 2020, p. 152)

A técnica citada em texto é a *Behavior Skill Training (BST)*, que é abordada de forma aprofundada nos artigos *Evaluation of behavioral skills training for teaching abduction-prevention skills to young children* e *Development of a parent training program for children with pervasive developmental disorders* (JOHNSON et al., 2005, 2007).

Rodriguez (2020), também traz contribuições para a temática da intervenção em ABA no telehealth. No seu artigo *Maintaining Treatment Integrity in the Face of Crisis: A Treatment Selection Model for Transitioning Direct ABA Services to Telehealth*, o analista do comportamento precisa compreender quais clientes de fato estão preparados para essa transição e quais irão apresentar barreiras que provoquem uma modificação no seu plano de intervenção, a fim de adaptar ao modelo de atendimento à distância.

Dessa forma, o guia apresentado se resume em dois passos: uma avaliação comportamental por telehealth, sendo mediada por um cuidador. Após isso, de acordo com os resultados dessa avaliação, o analista do comportamento escolhe o modelo ideal na matriz correspondente ao desempenho do seu cliente (RODRIGUEZ, 2020).

É possível também que as sessões de terapia sejam aplicadas pelo cuidador,

com reuniões e supervisões do analista do comportamento. Dessa forma, o treinamento feito com o cuidador para a aplicação do plano de intervenção também pode ser realizado de forma online, como afirmam Blackman et al. (2020), em seu estudo comparativo, grupos de cuidadores foram treinados de forma online e presencial, onde estes apresentaram desempenho semelhante na interação do cliente com os pais e no próprio conhecimento de análise do comportamento aplicada.

Existem questionamentos em relação à frequência das sessões de teleatendimento na intervenção ABA, que na maioria dos casos é de uma sessão por semana. Porém, uma pesquisa realizada provou que se os terapeutas instruírem os pais de crianças do teleatendimento a usarem treinamentos de comunicação funcional em sua rotina os resultados comportamentais das crianças são mais evidentes (LINDGREN et al., 2016).

4.3. Comportamentos problema no telehealth

De acordo com Da Costa Carneiro et al. (2020), em sua pesquisa “*Ensino de Pais via Telessaúde para a Implementação de Procedimentos Baseados em ABA: Uma Revisão de Literatura e Recomendações em Tempos de COVID-19*”, uma das limitações da intervenção em ABA por teleatendimento é a de intervir em comportamentos auto lesivos, por não haver muitas pesquisas sobre essa questão.

Porém, em um estudo realizado por Lindgren et al. (2016), no qual foi realizado a aplicação da intervenção em ABA em três grupos de crianças autistas com comportamentos problemas consistentes em problemas de agressividade, desregulação emocional e autolesão, um deles sendo exclusivamente através do treinamento de cuidadores pelo teleatendimento. Foi constatado uma diminuição de 90% desses comportamentos em todos os três grupos, ressaltando que cuidadores de crianças diagnosticadas com TEA podem sim, junto com o acompanhamento de um analista do comportamento via teleatendimento, tratar problemas de comportamento agressivos.

Conquanto existam pesquisas como as citadas acima comprovando a eficácia do telehealth na intervenção de comportamentos problemas em crianças, ainda há escassez de pesquisas em certos nichos desse tópico, como

a falta de pesquisas envolvendo crianças com comportamentos problemas que possuem função sensorial e auto estimulatória, assim como estudos acerca de pacientes adolescentes ou adultos com comportamentos agressivos que apresentam riscos de ferir seriamente eles mesmos ou outros (SCHIELTZ, WACKER, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do trabalho, percebeu-se que, o telehealth, apesar de ser uma alternativa estudada há alguns anos antes da pandemia de COVID-19, foi durante ela que o modelo se tornou mais evidente, frente à necessidade de continuidade do tratamento e sua utilidade devido às medidas de isolamento social.

Observou-se que o telehealth é uma alternativa válida ao atendimento presencial na intervenção em ABA, como foi percebido em diversos estudos de caso que verificaram uma eficácia semelhante aos atendimentos presenciais na clínica com custos significativamente menores. Também foram encontradas produções científicas brasileiras sobre formas de estruturar os atendimentos remotos a fim de obter os melhores resultados terapêuticos durante o período pandêmico.

Apesar de existirem estudos sobre o telehealth em língua portuguesa, a quantidade de artigos produzidos é muito inferior à quantidade de artigos sobre o tema em língua inglesa. Também verificou-se que não há estudos demográficos recentes no Brasil sobre o tamanho da população diagnosticada com TEA.

Portanto, ressalta-se a importância de mais estudos e produções científicas sobre o telehealth em língua portuguesa, visto as diferenças socioeconômicas e culturais do Brasil e os países falantes da língua inglesa. Quanto à falta de estudos demográficos, o Censo Demográfico de 2022 incluiu no questionário perguntas inerentes ao TEA, contudo, será necessário aguardar a divulgação do resultado, que está previsto para até 2024.

6. REFERÊNCIAS

- ACADEMIA DO AUTISMO (São Paulo). Canal Autismo. Tratamento do autismo: 5 passos para uma intervenção de sucesso. [S. l.], 10 maio 2022. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/nao-categorizado/tratamento-do-autismo-5-passos-para-uma-intervencao-de-sucesso/>. Acesso em: 31 out. 2022.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 [Recurso eletrônico]. (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- ARARIPE, Natalie Brito *et al.* Novos Arranjos Em Tempos De Covid-19: Apoio Remoto Para Atendimento De Crianças Com Transtorno Do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, [S. l.], p. 147-154, 8 maio 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v15i2.8768>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/8768>. Acesso em: 20 out. 2022.
- BAER, Donald M.; WOLF, Montrose M.; RISLEY, Todd R. SOME CURRENT DIMENSIONS OF APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS. **JOURNAL OF APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS**, Kansas, 1968. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1310980/pdf/jaba00083-0089.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022
- BAUM, William M. **Compreender o Behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2006.
- BLACKMAN, Abigail L.; JIMENEZ-GOMEZ, Corina; SHVARTS, Samuel. Comparison of the Efficacy of Online Versus In-Vivo Behavior Analytic Training for Parents of Children With Autism Spectrum Disorder. **Behavior Analysis: Research and Practice**, [S. l.], p. 13-23, 25 abr. 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.1037/bar0000163>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2019-22427-001.html>. Acesso em: 20 out. 2022.
- BRASIL. Lei no 13.861, de 18 de julho de 2019. Altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 18 jul. 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm. Acesso em: 31 out. 2022.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial*, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013.

CHU, Peiling. **Behavior Analysis in Practice**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência em Análise do Comportamento Aplicada) - The Chicago School of Professional Psychology, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/5fa9ea0c701964cec9295f98053923b8/1?q-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acesso em: 20 out. 2022.

DA COSTA CARNEIRO, Anne Caroline *et al.* Ensino de Pais via Telessaúde para a Implementação de Procedimentos Baseados em ABA: Uma Revisão de Literatura e Recomendações em Tempos de COVID-19. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, [S. l.], p. 148-173, 10 jul. 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v16i2.9608>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/9608>. Acesso em: 20 out. 2022.

DA SILVA BARCELOS, Kaio *et al.* Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 37276-37291, 2020.

GIL, Antonio C. Como Fazer Pesquisa Qualitativa. [Digite o Local da Editora]: Grupo GEN, 2021. E-book. ISBN 9786559770496. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770496/>. Acesso em: 26 out. 2022.

JOHNSON, Brigitte M. *et al.* Evaluation Of Behavioral Skills Training For Teaching Abduction-Prevention Skills To Young Children. **Journal of Applied Behavior Analysis**, [S. l.], p. 67-78, 19 out. 2004. DOI <https://doi.org/10.1901/jaba.2005.26-04>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1901/jaba.2005.26-04>. Acesso em: 16 nov. 2022.

JOHNSON, Cynthia R. *et al.* Development Of A Parent Training Program For Children With Pervasive Developmental Disorders. **Behavioral Interventions**, [S. l.], p. 201-221, 11 abr. 2007. DOI <https://doi.org/10.1002/bin.237>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/bin.237>. Acesso em: 16 nov. 2022.

JÚNIOR, Francisco Paiva. Quantos autistas há no Brasil?. In: REVISTA AUTISMO (São Paulo). Canal Autismo. Quantos autistas há no Brasil?. [S. l.], 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/noticia/quantos-autistas-ha-no-brasil/>. Acesso em: 31 out. 2022.

LINDGREN, Scott *et al.* Telehealth and Autism: Treating Challenging Behavior at Lower Cost. **PEDIATRICS**, [S. l.], p. 167-175, 9 nov. 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.1542/peds.2015-2851O>. Disponível em: https://publications.aap.org/pediatrics/article-abstract/137/Supplement_2/S167/34002/Telehealth-and-Autism-Treating-Challenging?redirectedFrom=fulltext. Acesso em: 20 out. 2022.

Li Q, Li Y, Liu B, et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children and Adolescents in the United States From 2019 to 2020. *JAMA Pediatr.* 2022;176(9):943–945. Doi:10.1001/jamapediatrics.2022.1846

Maenner MJ, Shaw KA, Bakian AV, et al. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. *MMWR Surveill Summ* 2021;70(No. SS-11):1–16. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7011a1>

MALAVAZZI, Dante Marino *et al.* Análise do comportamento aplicada: Interface entre ciência e prática?. **Perspectivas em análise do comportamento**, São Paulo, 6 nov. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482011000200007. Acesso em: 11 jun. 2022.

MARTINS, Thalyta Cassia de Freitas; GUIMARÃES, Raphael Mendonça. Distanciamento social durante a pandemia da Covid-19 e a crise do Estado federativo: um ensaio do contexto brasileiro. **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, p. 3-10, 11 abr. 2022. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sdeb/2022.v46nspe1/265-280/pt/#>. Acesso em: 4 jun. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Governo Federal. O que é a Covid-19?: Saiba quais são as características gerais da doença causada pelo novo coronavírus, a Covid-19. **Gov.br**, [S. l.], p. 1, 8 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 18 jun. 2022.

National Autism Center (2015). Findings and conclusions: National standards

project, phase 2. Randolph (MA): National Autism Center.

NETO, Marcus Bentes de Carvalho. Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. **Interação em Psicologia**, [s. l.], p. 1-5, 26 jun. 2022. Disponível em: https://www.cemp.com.br/arquivos/25932_65.pdf. Acesso em: 16 jun. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (Américas). Organização Pan-Americana da Saúde. Transtorno do espectro autista. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista#collapse-accordion-18812-6>. Acesso em: 31 out. 2022.

RODRIGUEZ, Kristine A. Maintaining Treatment Integrity in the Face of Crisis: A Treatment Selection Model for Transitioning Direct ABA Services to Telehealth. **Behavior Analysis in Practice**, [S. l.], p. 291-298, 18 maio 2020. DOI <https://doi.org/10.1007/s40617-020-00429-8>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40617-020-00429-8>. Acesso em: 20 out. 2022.

SCHIELTZ, Kelly M.; WACKER, David P. Functional assessment and function-based treatment delivered via telehealth: A brief summary. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 53, n. 3, p. 1242-1258, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/jaba.742>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista**. 1. ed. Curitiba: [s. n.], 2018. 321 p.

SKINNER, B. F. (1938). *The behavior of organisms: an experimental analysis*. Appleton-Century.

TOURINHO, Emmanuel Zagury; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. Definições Contemporâneas da Análise do Comportamento. *In*: TOURINHO, Emmanuel Zagury; DE LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Análise do Comportamento**. 1. ed. [S. l.: s. n.], 2010. p. 1-11.

Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177. doi:10.1037/h0074428